

ANO XXV - Nº 9 - SETEMBRO DE 1983 - REVISTA MENSAL

# Cidade nova

## O PLANETA JAPÃO

Não às armas no espaço

# O planeta Japão

Reinaldo Fleuri

O segredo do enorme progresso do "país do sol nascente" reside em ter concentrado no "universo empresa" certos valores morais básicos de sua cultura.

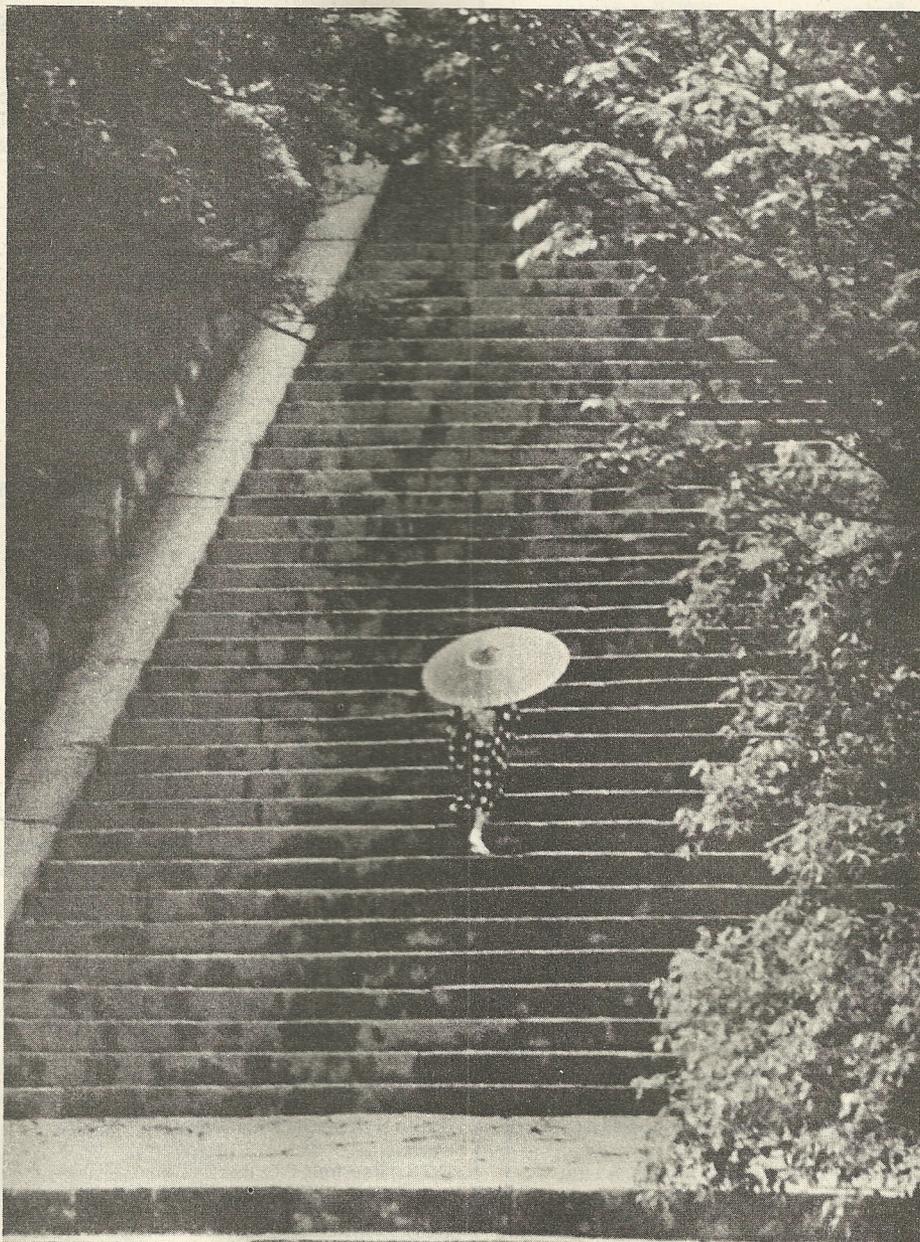
**J**á nos acostumamos tanto a conviver com os japoneses e seus descendentes, que não conseguimos mais perceber com tanta clareza a diferença entre o nosso mundo ocidentalizado e a sociedade japonesa. Entretanto, mesmo que os japoneses imigrantes já tenham absorvido muito da cultura ocidental, ainda podemos admitir neles certas qualidades que lhes parecem peculiares, como a perseverança, a capacidade de trabalho, a eficiência. Também já nos habituamos com aparelhos e produtos "made in Japan" e além disso, a nível político e econômico, o Brasil tem assinado muitos acordos comerciais. Tudo isso, porém, é insuficiente para que conheçamos os valores culturais desse povo.

Uma pergunta quase que se impõe a todas as pessoas do mundo ocidental hoje: quem é este povo que emergiu no cenário ocidental nestes últimos trinta anos, conquistando uma posição de tão grande influência?

Todos nós, nos anos passados, tendíamos a responder com uma frase feita: os japoneses são pessoas sem espírito crítico, que se deixam organizar como formigas e aceitam ser pagos com um punhado de arroz...

Mas nos últimos tempos, quer pela necessidade de sobreviver à invasão econômica, quer pelo interesse de compreender mais profundamente as origens do milagre econômico japonês, muitas comissões de especialistas do mundo ocidental tentaram penetrar no coração daquele mundo, tão distante e ao mesmo tempo tão perto do nosso.

Aproximando-se com uma atitude de humildade – e por isso mesmo mais objetiva – da realidade japonesa,



percebe-se logo uma imagem positiva e surpreendente desta sociedade. Impressiona muito compará-la com a sociedade ocidental.

A conceituada revista inglesa "The Economist", já em fevereiro de 1980, publicava as seguintes comparações entre o Japão e os Estados Unidos: a vida média no Japão passou de 55 anos (1949) para 76 anos (em 1977), superando a média de vida nos Estados Unidos. A mortalidade infantil diminuiu em 40 anos de 115 por mil para 9 por mil (a metade da americana e a menor do mundo, junto com a Suíça). Isto, apesar de que o número de médicos por habitante seja a metade do que nos Estados Unidos.

Além desta saúde física do cidadão, existe ainda uma "saúde social", que é muito mais significativa. Por exemplo, nos trinta anos após a guerra, a taxa de criminalidade baixou de 50 por cento, enquanto aumentou muito no Ocidente. Atualmente o nível de criminalidade para cada mil habitantes nos Estados Unidos é cinco vezes superior ao do Japão. E o número de policiais por mil habitantes no Japão é três vezes menor. O número dos advogados é vinte vezes menor e o dos psicanalistas cem vezes menor do que nos Estados Unidos.

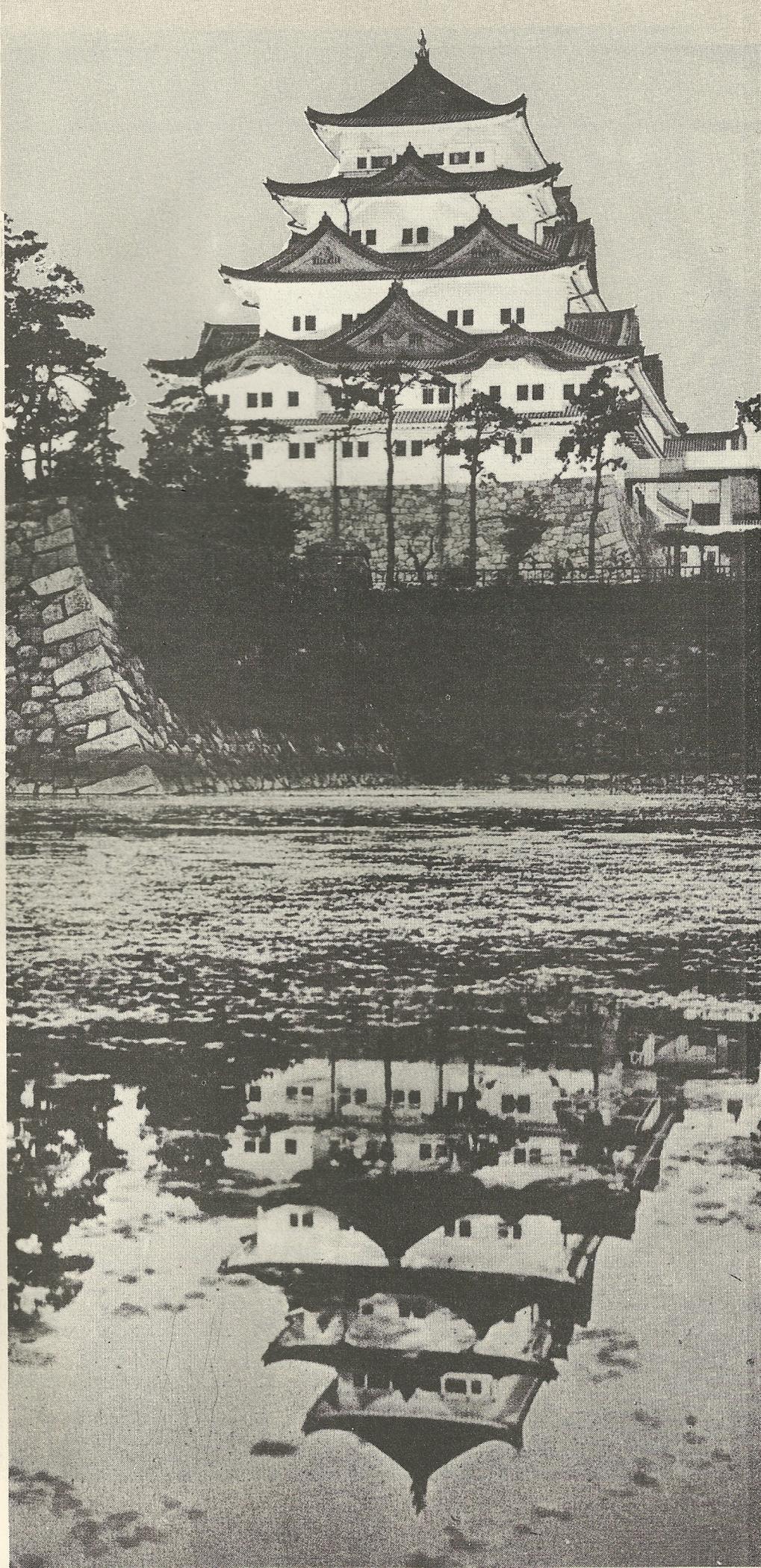
Se observarmos melhor o próprio mundo econômico, que em larga escala absorveu técnicas e métodos ocidentais, encontraremos uma atitude básica radicalmente diferente da nossa. O povo japonês saiu da 2ª guerra mundial com uma grande vontade de sobreviver. Esta lhe deu uma coragem estratégica que se exprime no fato de saber adaptar-se, aprender e aplicar tecnologias novas (basta ver os progressos na eletrônica) e de se lançar à conquista de mercados internacionais.

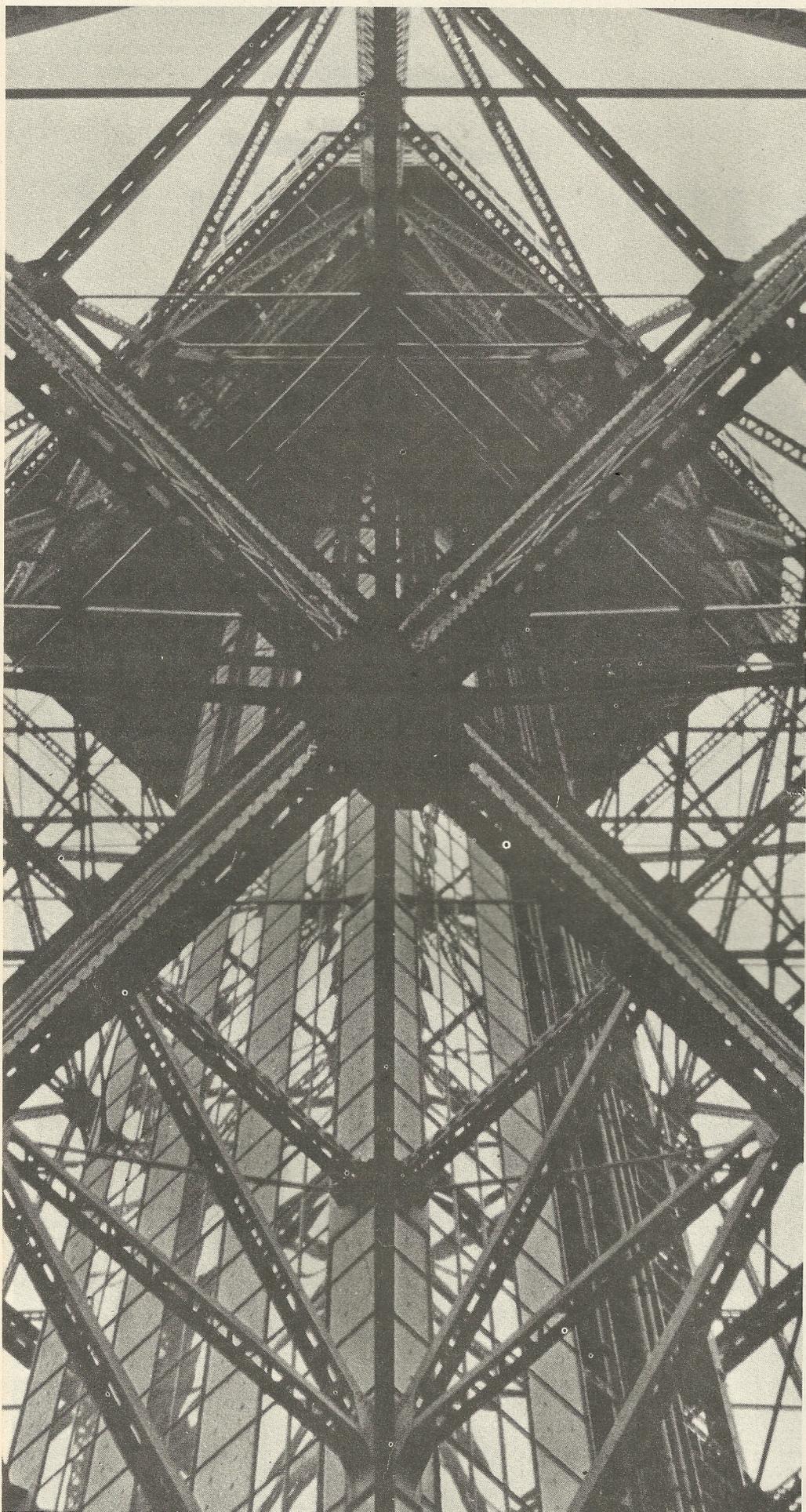
Tudo isso nos faz lembrar a figura do Samurai, tão típica na história japonesa, que agora é revivida de uma forma comunitária. De fato, a unidade básica da economia, a empresa, é entendida e vivida como uma verdadeira "comunidade combatente", em que o sentimento de participação de cada homem no grupo é muito forte.

Todavia, nos faz lembrar também de um passado de lutas e de sangue. Não são distantes as imagens trágicas do último conflito mundial, com seus fanatismos e atrocidades. Nem tudo o que reluz é ouro!

Apesar disso, continua sendo importante penetrar no segredo deste povo, tão pronto a colocar o interesse comum acima do interesse individual ou de grupo, tal como a história — no bem e no mal — demonstrou.

Quais são, portanto, as raízes





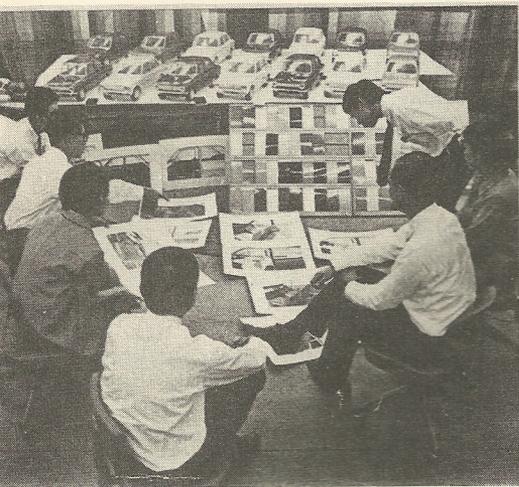
mais profundas desta realidade?

O espírito japonês está enraizado em um valor fundamental e altíssimo, "a harmonia", que é justamente o fator que promoveu durante séculos o desenvolvimento de uma cultura completamente diferente da ocidental, "a cultura do consenso". A inspiração, o objetivo, o esforço que guia a ação coletiva é a busca do consenso como base da ação. O conflito é visto ou vivido como um fracasso, ou um mal que deve ser tratado e superado, quando se quer progredir. E aqui o valor da hierarquia natural (na família, na empresa, na comunidade civil) é tão enfatizado porque é recíproca a tensão pelo consenso: o chefe não tem autoridade se não sentir que pertence moralmente aos membros do seu grupo, e estes se reconhecem plenamente nele somente enquanto ele garante a harmonia do próprio grupo.

No Ocidente muitos se admiram, por exemplo, com o fato de os japoneses demorarem tanto tempo para amadurecer suas decisões; ou então acham curioso que as greves ocorram sem interrupção do trabalho: os operários usam apenas uma faixa no braço para exprimir seu descontentamento com a cúpula empresarial.

Na realidade, precisamos saber avaliar a importância do consenso para os japoneses, e perceber os resultados que a ação de uma comunidade unida obtém em termos de eficácia quando se investe muito no processo de formação da decisão. Então compreenderemos como, para a "cultura do consenso" a oposição moral e de pensamento se torna até mesmo uma vergonha para o chefe que não conseguiu realizar o objetivo vital da harmonia. Torna-se uma denúncia forte e inteligente, que não raro consegue obter o que se reivindica, sem prejudicar a coletividade.

Na cultura e na sociedade japonesa emergem, além da inteligência individual, uma inteligência coletiva. Além de ser extremamente eficaz, ela é profundamente criativa. Mas esta "inteligência de grupo" não é possível se não se basear em relações, valores e deveres, ou seja, em uma "moral de grupo". São estes compromissos morais que tornam possível superar a violência, enquanto lógica do sistema, e fazem da empresa uma comunidade combatente. E por causa destes compromissos morais que o controle da vida social se torna bem mais eficaz e econômico do que as relações sociais baseadas no direito e nas instituições (compare-se o número de policiais, advogados e psicanalistas nos EUA). E bastaria verificar o papel que a mulher desempenha no âmbito da família e do bairro, ou a colaboração



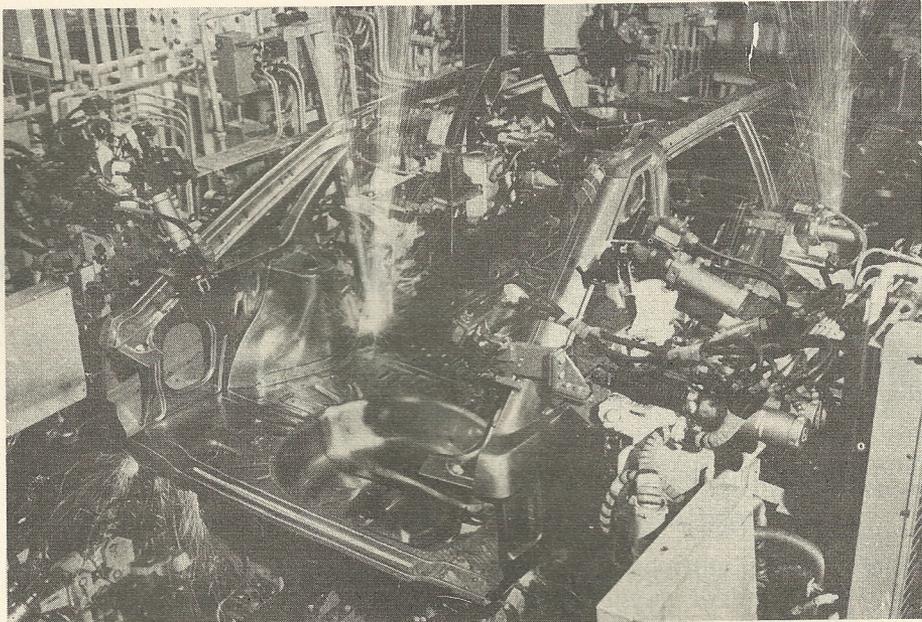
**A colaboração e o consenso são a base do milagre econômico japonês. Por isso, as decisões de trabalho são tomadas quase sempre em equipe.**

recíproca entre cidadãos e os órgãos de segurança, para explicar melhor a baixa incidência de criminalidade diurna e noturna na cidade.

Da mesma forma, as relações comerciais ultrapassam o plano jurídico e se enraizam numa rede de compromissos morais e na aceitação de valores comuns. Por isso é que são necessários longos rituais (feitos de discussões, visitas, presentes, etc) que precedem a conclusão dos acordos e que muitas vezes fazem os ocidentais sorrir. Mas para os japoneses isto equivale a sondar, reciprocamente, se existem as bases para um compromisso profundo e durável, tal como para o casamento. Um compromisso social e moral que se torna superior até mesmo ao direito, na solução dos problemas que certamente surgirão. Assim, por exemplo, quando uma empresa se encontra em dificuldades, não é raro que os seus clientes, fornecedores ou banqueiros, se consultem com discrição e juntos ofereçam subsídios e instrumentos para superar a crise.

Relatamos exemplos tirados da vida empresarial, porque a empresa no Japão é um pouco o microssomo de uma sociedade construída com base muito mais na moral do que no direito. E aqui podem-se fazer interessantes comparações com a sociedade industrial do Ocidente.

É significativo que, na metade do século XIX, quando os japoneses se abriram à importação de novas técnicas, e instituições ocidentais, defrontaram-se com um problema muito original: em sua língua, mesmo sendo riquíssima, não encontraram nenhum vocábulo que exprimisse o conceito de direito, porque a sociedade e a cultura deles são constituídas de deveres e normas



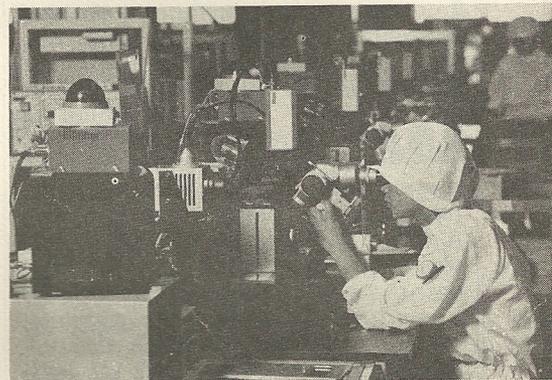
**Ao sentirem a falta de mão-de-obra para suas indústrias, os japoneses poderiam fazer como outros países, ou seja, importá-la. Mas eles optaram pelos robôs (como vemos na foto), e hoje encontram-se na vanguarda nesse campo.**

morais.

A idéia de que o progresso nasce do conflito entre as partes, no Japão (e também não excluem uma fortíssima competitividade dos indivíduos e dos grupos) não foi absorvida por causa da cultura do consenso. Eles não assimilaram nem Marx nem Freud: não sacralizaram o conflito (mas a harmonia), nem "mataram o pai" (a autoridade).

Isto não significa que na sociedade japonesa não existem conflitos e contradições. Não significa também que ela seja um modelo universal a ser imitado. Com efeito, a beleza de um povo é, como sempre, também o seu limite: do ponto de vista histórico, o sistema japonês de regras sociais pode levar a uma pesada burocratização nos períodos de menor impulso de crescimento econômico. Mas principalmente pode levar a uma espécie de predomínio moral da empresa sobre os indivíduos e ao sufocamento de sua personalidade.

Outra limitação é o seu fechamento em relação a tudo o que é estrangeiro. De fato, os japoneses são excepcionais na absorção de tecnologias, mas não querem assimilar culturas diferentes da deles. São, portanto, sombras e luzes que se entrelaçam e começam a se confrontar



**Um dos grandes segredos da indústria de precisão japonesa, como a eletrônica, é a higiene e a limpeza. A miniaturização dos produtos é tanta que até a pureza do ar influi na sua qualidade.**

com as do Ocidente. Isto nos estimula a observar as diversidades como fontes de enriquecimento recíproco e a buscar as raízes comuns para o desenvolvimento de uma civilização de âmbito mundial. E estas raízes não faltam.

**Reinaldo M. Fleuri**